

A (IN)CONFIABILIDADE NO **DISCURSO NARRATIVO**

UM PANORAMA ABRANGENTE



**MEIR STERNBERG
TAMAR YACOBI**

TRADUÇÃO

AIDANA SCHONS

FABIANE DE VARGAS ZANDAVALLI

JULIANA DE OLIVEIRA SCHAIDHAUER

LAUREN DI GIORGIO DA SILVA

COORDENAÇÃO E REVISÃO

ELAINE BARROS INDRUSIAK

A (IN)CONFIABILIDADE NO
**DISCURSO
NARRATIVO**

UM PANORAMA ABRANGENTE

**MEIR STERNBERG
TAMAR YACOBI**

TRADUÇÃO

AIDANA SCHONS

FABIANE DE VARGAS ZANDEVALLI

JULIANA DE OLIVEIRA SCHAIDHAUER

LAUREN DI GIORGIO DA SILVA

COORDENAÇÃO E REVISÃO DA TRADUÇÃO

ELAINE BARROS INDRUSIAK

Porto Alegre • 2023 • 1ª edição

editora
**ZO
UK**

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP
Daniela Mussi – UFRJ
Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM
Joanna Burigo – Emancipa Mulher
Leonardo Antunes – UFRGS
Lucia Tennina – UBA
Luis Augusto Campos – UERJ
Luis Felipe Miguel – UnB
Maria Amelia Bulhões – UFRGS
Regina Dalcastagnè – UnB
Regina Zilberman – UFRGS
Renato Ortiz – Unicamp
Ricardo Timm de Souza – PUCRS
Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS
Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK
Susana Rangel – UFRGS
Winnie Bueno – Winnieteca

© Meir Sternberg and Tamar Yacobi, "(Un)Reliability in Narrative Discourse: A Comprehensive Overview," in *Poetics Today*, Volume 36, no. 4, pp. 327-498. Copyright, 2015, the Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University. All rights reserved. Republished by permission of the copyright holder, and the present publisher, Duke University Press. www.dukeupress.edu

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Capa: Erick Alves

Coordenação e revisão da tradução: Elaine Barros Indrusiak

Tradução: Aidana Schons; Fabiane de Vargas Zandavalli; Juliana de Oliveira Schaidhauer;
Lauren Di Giorgio da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

S839I Sternberg, Meir

A (in)confiabilidade no discurso narrativo [recurso eletrônico] : um panorama emergente / Meir Sternberg, Tamar Yacobi ; traduzido por Aidana Schons ... [et al.]. - Porto Alegre, RS : Zouk, 2023.

262 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-131-9 (Ebook)

1. Linguística. 2. Teoria narrativa. I. Yacobi, Tamar. II. Schons, Aidana. III. Zandavalli, Fabiane de Vargas. IV. Schaidhauer, Juliana de Oliveira. V. Silva, Lauren Di Giorgio da. VI. Indrusiak, Elaine Barros. VII. Título.

2024-177

CDD 410

CDU 81'1



direitos reservados à

Editora Zouk

r. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554



www.editorazouk.com.br

Apresentação

Poucos conceitos talvez tenham sido tão bem-sucedidos em pular das páginas de teoria narrativa para o discurso coloquial quanto a noção de “narrador não confiável”, ou “inconfiável”, como abordaremos aqui, conforme informado na nota a seguir. Difícil saber se isso se deve à precisão e ao diferencial do conceito em si ou à propensão moderna (e ainda maior quando pós-moderna) de questionar a índole, as intenções e as inclinações de quem conta um conto. Provavelmente seja resultado de ambas as coisas. O que não é difícil é apontar o pesquisador Wayne Booth como responsável pela façanha de instrumentalizar os mais desprezíveis fruidores de narrativas com um constructo teórico que, enfim, deu nome e contornos a certas vozes que, desde há muito, levantavam suspeitas quanto à credibilidade de suas histórias e histórias. Foi com *A retórica da ficção*, originalmente publicado em 1961 e disponibilizado em português pela Editora Arcádia, de Lisboa, em tradução de Maria Teresa Guerreiro de 1980, que o narrador inconfiável se tornou a coqueluche da narratologia, juntamente com o “autor implícito”, seu companheiro de aventuras e desventuras teórico-críticas.

Mesmo no Brasil, onde a própria inexistência de edição do texto seminal de Booth é indício do tímido interesse acadêmico por estudos narratológicos, a dupla recém-chegada da Universidade de Chicago instalou-se confortavelmente. Nada mais natural em um sistema literário obcecado pela polêmica em torno da suposta traição de Capitu, suspeita levantada pelo narrador-personagem Bentinho; que questiona se Riobaldo vendeu ou não sua alma ao diabo; que naturalizou afirmações quanto à “comunicação entre Machado de Assis e a senhora leitora”; ou mesmo que celebra “a alma feminina de Chico Buarque” com base nas canções do compositor. Talvez a própria ausência de uma tradição sólida de estudos narrativos e a ânsia de se explicar tais fenômenos célebres tenham estimulado a aplicação indiscriminada dos conceitos retóricos, não raro redundando em simplificações contraditórias que equiparam autor histórico com implícito e narrador, confiável ou não. Se o (pós-)estruturalismo de Roland Barthes

de fato “matou o autor” – ou, minimamente, participou ao público o seu falecimento –, em 1968, a abordagem retórica de Booth ainda oferecia certo consolo aos órfãos da voz autoral na figura intangível do autor implícito.

O fervor explicativo que os conceitos boothianos desencadearam, tanto entre pesquisadores renomados quanto entre o que se poderia chamar de empolgados resenhistas de botequim, não ficou restrito às discussões literárias, tendo acometido todas as demais áreas que produzem e estudam narrativas, em particular o cinema. Melhor dizendo, o fervor explicativo propiciado pelo narrador inconfiável espalhou-se pelos estudos de audiovisual, o que se pode atestar mesmo em um superficial levantamento de publicações e pesquisas em repositórios e periódicos acadêmicos. Curiosamente, no entanto, a noção de autor implícito não teve esse mesmo impacto no cinema. Poderíamos aventar a hipótese de que a “teoria de autor”, concebida pela crítica cinematográfica francesa e consolidada na contramão do influente pensamento barthesiano, não apenas resguardou, mas reforçou ainda mais a concepção de autoria e de assinatura estilística cinematográficas, de forma que a ninguém ocorreu sustentar que, também ali, o autor constituía uma mera função textual. Ainda que possa animar as discussões no referido botequim, no entanto, essa hipótese não se sustenta; as concepções de autoria que aproxima são demasiado distintas e específicas para serem equiparadas. O fato é que, em que pese a adesão de Seymour Chatman, entre outros narratologistas de renome, a abordagem retórica de Booth parece não ter angariado tantos adeptos na área do audiovisual, possivelmente em função da sólida argumentação em contrário por parte de David Bordwell, para quem o modelo comunicacional, quando aplicado ao cinema, gera mais problemas do que é capaz de solucionar. Por mais que os alegres e diligentes frequentadores do botequim narratológico enumerem filmes em que se podem apontar narratários ou aventar autores e “leitores” implícitos, não se podem generalizar tais categorias a toda produção audiovisual; ao menos não enquanto sóbrios.

Da mesma forma, o conceito de narrador, entendido, dentro da lógica comunicacional, como enunciador da mensagem narrativa, não é aplicável à totalidade dos produtos cinematográficos sem uma boa dose de arbitrariedade. Mas, se é assim, como foi que justamente a subcategoria

dos narradores inconfiáveis conquistou tanta visibilidade nos estudos de audiovisual? E mais, se a proposição da existência do autor implícito em filmes não se consolidou na teoria cinematográfica, como pode o narrador inconfiável ter tido tratamento tão diferenciado, se seu reconhecimento se dá tão somente em função de sua oposição a valores e traços atribuíveis ao autor implícito? Em suma, se ainda estamos falando dos conceitos de Booth, como pode um existir sem o outro? De que serve meio modelo retórico-comunicacional? Como dar credibilidade a análises cuja sustentação parece lançar mão de conceitos como quem escolhe frutas em uma feira livre, juntando indiscriminadamente produtos de diferentes bancas porque lhe parecem os mais apetitosos e prontos para o consumo? Essa profusão de perguntas que revelam a precariedade teórica subjacente à quase ubiquidade dos conceitos boothianos já nos permite vislumbrar a importância do texto que segue. A despeito da enorme relevância das considerações inaugurais de Booth e de muitas que se seguiram, o forte apelo de alguns de seus conceitos e sua parca – por vezes até contraditória – definição parecem ter redundado nessa feira livre teórico-crítica, a qual, não por acaso, tem abastecido regamente o botequim narratológico. É duro reconhecer, mas este tratado de Meir Sternberg e de Tamar Yacobi demonstra claramente que, ao menos no que tange à (in)confiabilidade em/de narrativas, esses estabelecimentos vêm vendendo gato por lebre desde 1961.

Mas não foi por falta de avisos ou de alternativas que essa situação deficitária se consolidou e perdura há seis décadas. O renomado pesquisador alemão Ansgar Nünning, por exemplo, há muito chama a atenção para diversas inconsistências na abordagem boothiana, particularmente no que tange à noção de autoria implícita. Infelizmente, no entanto, como se verá adiante, a alternativa cognitivista que ele propõe se apresenta tão ou mais insuficiente do que a retórico-comunicacional que visava substituir, o que não chega a invalidá-la por completo, já que muito se pode avançar também a partir de tentativas e erros alheios. Por outro lado, em 1981, um artigo de apenas 14 páginas, publicado no prestigioso periódico *Poetics Today*, propôs nada menos do que uma revolucionária virada teórica na abordagem à (in)confiabilidade narrativa. Nesse texto, “Fictional Reliability as a Communicative Problem”, a israelense Tamar Yacobi, professora da

Universidade de Tel Aviv, apresenta as bases de um modelo construtivista que aborda a (in)confiabilidade narrativa como hipótese, uma dentre diversas conjecturas de que leitores lançam mão no processo de produção de sentido a partir da leitura de textos narrativos. De forma lógica, coerente, potencialmente intermidial e bastante objetiva, Yacobi solucionou todos os entraves que as abordagens anteriores haviam criado, e o fez sem precisar cometer a descortesia de apontar os erros e insuficiências dos colegas e antecessores.

Passaram-se os anos, incontáveis novos estudos foram publicados, no mundo todo, acerca do problemático narrador inconfiável, a maioria dos quais limitando-se a reiterar as inconsistências de Booth ou de Nünning, quando não de ambos, por mais assustador que isso seja. A despeito da reputação e visibilidade do periódico que a acolheu, a proposta de Yacobi seguia “correndo por fora”, defendida e aplicada por poucos pesquisadores de renome para além do círculo de narratologistas funcionalistas de Tel Aviv, grupo centrado em Meir Sternberg, ex-editor da própria *Poetics Today* e, bem, como direi, marido de Tamar Yacobi. Mas não permitamos que esse aparente favoritismo de contornos nepotistas embace a leitura crítica da proposta teórica de Yacobi. Pessoalmente, considero as razões para o pouco reconhecimento de seu trabalho tão insondáveis quanto aquelas que sacramentaram o narrador inconfiável e o autor implícito de Booth como conceitos efetivamente coerentes e de aplicação universal. E, diante desse estado de coisas, quarenta anos são mais do que suficientes para solapar diplomacias, minar as cortesias acadêmicas, enfim, torrar a paciência de qualquer um que, sabendo afinar pianos, seja convidado a sorrir diante de um concerto com não apenas um, mas dois instrumentos desafinados, tocados por solistas de renome. O resultado pode ser visto nas páginas seguintes, em que Yacobi e Sternberg unem forças para não apenas reiterar e ampliar o modelo construtivista baseado em mecanismos de integração, mas também apontar, minuciosa e dolorosamente, as falhas de raciocínio de Booth, Nünning e diversos outros estudiosos que se dedicaram ao estudo da (in)confiabilidade narrativa a partir das abordagens retórica e cognitivista. Não é um trabalho agradável, mas alguém tinha de fazê-lo e, a julgar pelo tratamento pouco diplomático dispensado a outros grandes nomes da

narratologia em outras publicações, aparentemente, Meir Sternberg era o nome para essa missão.

Mas não pensem a cara leitora e o caro leitor que a relevância deste tratado se resume à desconstrução de mitos, ao questionamento de reputações ou a apetitosas maledicências acadêmicas. A abrangência e a solidez da pesquisa realizada, evidenciadas pelas inúmeras referências bibliográficas, ampliam e qualificam o já enciclopédico conhecimento dos autores, mas é no trabalho meticuloso de leitura crítica, atento às minúcias e sutilezas semânticas dos textos discutidos, que se revela um profundo respeito pelo campo de estudos e por todos os seus colaboradores. Talvez não estejamos acostumados a perceber críticas como elogios, mas não resta dúvida de que os/as pesquisadores/as citados/as neste estudo de abrangência e aprofundamento ímpares devem se sentir orgulhosos/as da referência, pois até mesmo os equívocos apontados fazem avançar a discussão acerca da (in) confiabilidade e, por extensão, os estudos narratológicos como um todo. E isso não é pouca coisa. Em uma conjuntura político-ideológica marcada pela pós-verdade e pelo que se popularizou no noticiário como “guerras de narrativas”, a perspectivação de relatos impõe-se à ordem do dia, aumentando ainda mais a popularidade – e o esvaziamento conceitual – do narrador inconfiável. Assim, ao apontar os mecanismos pelos quais leitores, espectadores e criadores de sentido em geral são levados a confiar em uma versão dos fatos em detrimento de outra, a abordagem construtivista evidencia sua contribuição para a compreensão de fenômenos comunicacionais bem mais amplos e graves do que a ficção narrativa.

É com muito orgulho e senso de responsabilidade, portanto, que apresento, em especial ao meio acadêmico brasileiro, esta obra diferenciada e de enorme potencial transformador não apenas do debate acerca da (in) confiabilidade narrativa, da narratologia como um todo, mas também da forma como percebemos e analisamos os processos de criação de sentido envolvidos na leitura, na fruição de filmes e peças teatrais, na apreciação de obras visuais, e em todas as demais formas de comunicação. O desafio de traduzir este texto, originalmente publicado como um longo artigo, foi proposto e gestado nas discussões do Grupo de Estudos de Narratologia e Intermidialidade, o qual é composto por alunos de graduação e de

pós-graduação do Instituto de Letras da UFRGS e coordenado por mim. Mas quem encarou esse desafio junto comigo foram quatro corajosas, determinadas e competentes alunas do Bacharelado em Letras – Inglês da UFRGS: Aidana Schons, Fabiane Vargas Zandavalli, Juliana de Oliveira Schaidhauer e Lauren Di Giorgio da Silva. Estudantes de graduação que não esmoreceram diante da tarefa hercúlea de traduzir um texto de alta complexidade teórica, crivado de notas e referências a obras indisponíveis no Brasil, que perpassa diversas áreas do conhecimento com as quais os estudos de narrativas dialogam e, não bastasse isso, marcado por uma sintaxe tortuosa e toda sorte de flexibilização lexical que a língua inglesa permite. Registro aqui meus sinceros agradecimentos a cada uma delas pela parceria e meus efusivos cumprimentos pela qualidade do produto final.

E agradeço, também, de forma antecipada, mas não menos efusiva, aos nossos leitores e leitoras que se dispuserem a compartilhar conosco suas impressões, seja quanto à nossa tradução, seja em relação à temática da publicação. Para tanto, disponibilizo o e-mail do Grupo de Estudos de Narratologia e Intermidialidade (geniufrgs@gmail.com). Havendo coisas a melhorar, melhoraremos; havendo coisas a debater, debateremos, felizes em saber que os objetivos deste livro – apresentar o pensamento de Yacobi e Sternberg aos falantes de português e fomentar os estudos narratológicos no Brasil – terão sido cumpridos satisfatoriamente.

Elaine Barros Indrusiak